

Sujeito e sentido em Bakhtin e Benveniste: os pontos de contato

Vera Lúcia Pires*



Resumo – M. Bakhtin e E. Benveniste relevaram a relação dos sujeitos com a língua, balizando a presença da subjetividade no discurso. Busca-se, neste texto, aproximar o pensamento de ambos os autores, no que concerne à teoria da enunciação, destacando alguns pontos de convergência, a saber, aqueles ligados à soberania do sujeito e à questão da forma e da substância linguísticas.

Qui dit homme, dit langage et qui dit langage, dit société.
(Lévi-Strauss)

M. Bakhtin e E. Benveniste relevaram a relação dos sujeitos com a língua, balizando a presença da subjetividade no discurso. Busca-se, neste texto, aproximar o pensamento de ambos os autores, no que concerne à teoria da enunciação, destacando alguns pontos de convergência, a saber, aqueles ligados à soberania do sujeito e à questão da forma e da substância linguísticas.

A Linguística tradicional, no início do século XX, postulava a língua como uma representação evidente e objetiva da realidade. Posteriormente, autores como Benveniste (1966)¹ e Jakobson (1963) reivindicaram para a linguagem, ao analisarem seu funcionamento, o lugar da constituição da subjetividade do indivíduo.

Muito tempo antes (por volta de 1920), todavia, Mikhail Bakhtin, dentro da tradição humanista (não cartesiana), vira na rela-

* Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM).
e-mail: vera.pires@terra.com.br

¹ As datas apresentadas são as das obras originais.

ção sócio-histórica e dialógica entre sujeitos o cerne do processo de constituição dos discursos.

Desde que Kant colocou em dúvida o preceito filosófico cartesiano da consciência (razão pura), o sujeito viu-se na contingência de encarar a precariedade da identidade, negada pelo outro.

Herdeiros da filosofia kantiana, tanto Bakhtin quanto Benveniste, cada um a seu modo, enfatizaram a relação dos sujeitos com a língua, relação esta que determina a enunciação e marca a presença da subjetividade no discurso.

Meu interesse neste trabalho será, precisamente, resgatar o que parece haver de comum no pensamento de ambos os autores, no que diz respeito à teoria da enunciação, destacando seus pontos de convergência.² Neste sentido, interessam-me conceitos precisos, a saber, sujeito e sentido. Mais especificamente, evidencio como os autores lidam com temas cruciais como a soberania do sujeito e a questão da forma e da substância lingüísticas, refletindo sobre a dicotomia exterior/interior de maneira dialética, evitando uma leitura reducionista. O resultado de tal esforço são muitas interrogações e quase nenhuma convicção, em uma análise preliminar que pretendo aprofundar posteriormente.

Já no final dos anos 20, Bakhtin (1929) defendia a necessidade de uma teoria lingüística da enunciação, por ver nela o único meio de dar conta da compreensão real das formas sintáticas. Em sua opinião, as análises sintáticas dos elementos do discurso constituem *análises do corpo vivo da enunciação* (pois) *as formas sintáticas são as que mais se aproximam das formas concretas da enunciação*, além de estarem ligadas às condições reais da fala (Bakhtin, 1929, p. 139). A partir de então, ele passou a estudar as formas sintáticas que representavam, no interior de um discurso, o discurso de outros, via discurso relatado e suas variantes.

Antecedendo em décadas certas reflexões das teorias modernas da linguagem, o filólogo russo pregava a necessidade de se encontrar um elo entre a forma material exterior e o elemento semântico-ideológico interior que os mantivesse em equilíbrio. O elemento de ligação entre a forma e o sentido seria, em seu entender, a enunciação. Ao trabalhá-la como substância da língua, Bakhtin superou a dicotomia forma-conteúdo e integrou a experiência social à organização lingüística.

O autor considerava a linguagem uma prática social que tem na língua a sua realidade material. A língua é entendida não como

² Mais adiante, talvez, escreva sobre os pontos divergentes. Tantos já o fizeram que é possível não haver mais o que dizer.

um sistema abstrato de formas lingüísticas à parte da atividade do falante, mas como um *processo de evolução ininterrupto*, constituído pelo *fenômeno social da interação verbal, realizada através da enunciação*, que é a sua verdadeira substância (Bakhtin, 1929, p. 127). Diferentemente de Saussure e de seu estudo sistêmico e abstrato da língua, o autor russo valoriza a fala, que não é individual, senão social, estando estreitamente ligada ao momento da enunciação que, ao instaurar a intersubjetividade, instaura igualmente a interação.

Devido à natureza social e não individual da linguagem, a língua, bem como os indivíduos que a usam, deve estar situada em um contexto sócio-histórico. *A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam* (Bakhtin, 1979,³ p. 282), da mesma forma que, através deles, a vida penetra nela.

O verdadeiro interesse de Bakhtin, diferentemente de Benveniste, não era o sistema, mas a linguagem enquanto uso e em interação social. Ele via na enunciação – momento de uso da linguagem –, um processo que envolve não apenas a presença física de seus participantes como também o tempo histórico e o espaço social de interação. Sua crítica à Lingüística tradicional, enquanto teoria da língua como uma abstração, foi sempre nesse sentido, o de faltar a ela (Lingüística) uma abordagem da enunciação, que desse conta do que, no seu entender, era o discurso, ou seja, *a linguagem em sua totalidade concreta e viva* (Bakhtin, 1963, p. 181).

A língua em Bakhtin, elemento não abstrato, porém da ordem do social, é passível de ser estudada por meio de uma metodologia que levaria em conta, primeiramente, *as formas e os tipos de interação verbal em conjunto com suas condições de produção*; a seguir, as diferentes formas de enunciações, ligadas a sua interação nos discursos do cotidiano aos quais pertencem e, finalmente, *o exame das formas da língua na sua interpretação lingüística habitual*. (Bakhtin, 1929, p. 124).

Superando a dicotomia clássica língua/fala em favor da interação dialógica, base da enunciação, o lingüista russo (1929, p. 179) afirmava que não há *ruptura metodológica entre as formas lingüísticas e as figuras de pensamento*, entre a língua e a fala: elas estão na verdade, intrinsecamente ligadas na *realidade viva da língua*.

Tendo a enunciação como a marca de um processo de interação entre sujeitos, uma vez que a palavra tem *duas faces*, isto é, par-

³ As referências concentram-se nos textos: *O problema dos gêneros do discurso*, originais de 1952/53 e *O problema do texto nas áreas da lingüística, da filologia, das ciências humanas. Tentativa de uma análise filosófica*, originais de 1959/61.

te de alguém com destino a outro alguém, Bakhtin instituiu o princípio dialógico para o estudo de seu objeto.

É importante atentar para o significado de *diálogo*, em Bakhtin, como um princípio geral da linguagem, de comunhão solidária e coletiva, porém sem passividade. O grande mérito de Bakhtin, para os estudos do discurso, foi resgatar o sujeito e seu contexto social via dialogismo interativo, trazendo com eles a história. O sujeito bakhtiniano constitui-se, desse modo, como um ser social, histórico e ideológico.

No que diz respeito a Benveniste, ao reformular as dicotomias saussurianas – sem com isto afastar-se do mestre – promove, ele também, uma superação, abrindo a análise da linguagem para a enunciação e resgatando, por meio desta, o sujeito excluído da linguística.

Segundo o autor (1974, p. 83), “depois da enunciação, a língua é efetuada em uma instância de discurso, que emana de um locutor”, chega ao ouvinte e suscita outra enunciação como resposta. É a estrutura do diálogo que Benveniste sustenta, quando ressalta: “o que em geral caracteriza a enunciação é a acentuação da relação discursiva com o parceiro [...]”. Duas figuras na posição de parceiros são alternativamente protagonistas da enunciação” (Id., *ibid.*, p. 87).

Quando o linguista francês formula que “bem antes de servir para comunicar, a linguagem serve para viver (pois) à falta de linguagem não haveria nem possibilidade de sociedade, nem possibilidade de humanidade, (já que) o próprio da linguagem é, antes de tudo, significar” (Benveniste, 1974, p. 222), ou em outra passagem, em que estabelece “o homem na sua relação com a natureza ou na sua relação com o homem, pelo intermédio da linguagem, estabelecemos a sociedade. [...] Língua e sociedade não se concebem uma sem a outra” (Idem, *ibid.*, p. 31), ele está, parece-me, da mesma forma que o fizera Bakhtin, garantindo o sujeito como um ser social e seu discurso como uma atividade social e solidária.

Em um de seus textos mais célebres, *Da subjetividade na linguagem* (1958), ele prega a propriedade fundamental da linguagem de constituir o homem como sujeito. Entretanto, apesar da hierarquia do eu, pela qual é tão criticado, ele diz que “a consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém que será na minha alocação um tu. Essa condição de diálogo é que é constitutiva da pessoa, pois implica em reciprocidade” (Benveniste, 1966, p. 286).

Igualmente em Benveniste, encontra-se a referência à enunciação como um processo intersubjetivo e dialógico. Assim, em um movimento dialético de superação, ele afirma

Caem assim as velhas antinomias do “eu” e do “outro”, do indivíduo e da sociedade. Dualidade que é ilegítimo e errôneo reduzir a um só termo original, quer esse termo único seja o eu, que deveria estar instalado na sua própria consciência para abrir-se então à do “próximo”, ou seja, ao contrário, a sociedade, que preexistiria como totalidade ao indivíduo [...] É numa realidade dialética que englobe os dois termos e os defina pela relação mútua que se descobre o fundamento lingüístico da subjetividade. (Benveniste, *idem*, p. 287).

A seguir, tratarei da questão da forma e do sentido em ambos os autores, tomando como base dois textos: *Tema e significação na língua* de Bakhtin (1929) e *A forma e o sentido na linguagem* de Benveniste (1974). Procurarei abordar esses elementos de maneira dinâmica, sem cair na tentação positivista de descrevê-los de forma estanque e acabada.

Bakhtin como Benveniste refletem sobre o assunto em função de oposições, estabelecidas no interior do sistema língua ou exterior a ele. Para uma visão geral e facilidade didática, esboço a seguir um perfil comparativo:

Em Bakhtin		Em Benveniste	
Interior	Exterior	Interior	Exterior
Língua	Enunciação	Língua	Enunciação
Forma	Tema	Signo	Frase
Significação	Sentido	Forma	Sentido
Sistema da língua	Contexto da palavra	Propriedade da língua	Atividade do locutor situação de discurso

Início este exercício de aproximação, via Benveniste (1974, p. 97, 104), arriscando um movimento de integração entre o interior/exterior. Ele ressalta que a prática social da relação interhumana, comum ao exercício da língua, demonstra, de maneira mais eficaz, a dupla natureza da linguagem: *ser imanente ao indivíduo e transcendente à sociedade*. Imanente enquanto língua, transcendente enquanto exercício de linguagem, ato de enunciação.

O problema da significação (em sentido geral) aparece, em ambos os autores, de duas maneiras: ligado à língua e ligado à atividade linguageira – ou à enunciação.

Prossigo com o texto de Benveniste que abre sua conferência, alertando aos filósofos⁴ sobre a desconfiança da maioria dos lin-

⁴ Benveniste proferiu a palestra *A forma e o sentido na linguagem* em um congresso de filósofos em 1966 na Suíça.

güistas no que diz respeito a assuntos que envolvem a significação, uma vez que, por serem marcados pelo subjetivismo, não pertenceriam à lingüística. “As manifestações do *sentido* parecem tão livres, fugidias, imprevisíveis, quanto são concretos, definidos e descritíveis os aspectos da *forma*”. (Benveniste, 1974:221). Tentando reinterpretar tal oposição, integrando-a e esclarecendo-a, o autor afirma que “*ela contém em sua antítese o ser mesmo da linguagem: o ser próprio da linguagem é significar, é viver, muito mais que comunicar*” (Idem, *ibid.*, p. 222).

Configura-se a língua, para Benveniste, como em Saussure, um sistema formal de signos, em oposição às *manifestações de sentido*, ligadas à atividade enunciativa. Nesse nível formal (semiótico), a noção de signo integra uma significação unitária e inerente. Benveniste ultrapassa o mestre genebrino para chegar ao estrato do ato enunciativo (semântico), de onde releva a linguagem como acontecimento heterogêneo e descontínuo. (Benveniste, 1974, p. 224-225). No plano de construção semântica, atribui-se, a cada vez, um sentido às palavras.

A noção de semântica nos introduz no domínio da língua em emprego e em ação; vemos desta vez na língua sua função mediadora entre o homem e o homem, entre o homem e o mundo, [...] transmitindo a informação, comunicando a experiência, impondo a adesão, [...] em resumo, organizando toda a vida dos homens. (Benveniste, 1974, p. 229).

O nível semântico é o *locus* da frase e do sentido, conjunto único de circunstâncias, que só existem no momento em que são enunciados. “Com a frase liga-se às coisas fora da língua; [...] o sentido da frase implica referência à situação de discurso e à atitude do locutor” (Idem, *ibid.*, p. 230). E, mais adiante, em texto de 1969:⁵ “A ordem semântica se identifica ao mundo da enunciação e ao universo do discurso” (Benveniste, 1974, p. 66).

Benveniste realiza um movimento sutil e produtivo, partindo das dicotomias, rumo à superação das mesmas. Podemos acompanhar esse movimento, lendo com atenção os seus textos. Perceberemos, então, a real importância, nesse autor, da intervenção da enunciação.

No início de seu texto, Bakhtin (1929, p. 128), exatamente como Benveniste, chama a atenção para a *dificuldade do problema da significação* no terreno lingüístico, devido ao monólogo, travado pelos lingüistas, sobre o assunto.

O filólogo russo igualmente preconiza dois modos de significação, um próprio da língua e outro ligado ao ato enunciativo. Ao primeiro modo, atrelado à forma lingüística, e composto de elementos *idênticos e reiteráveis* a cada enunciação, Bakhtin denomina *significação*. Em contrapartida, o *tema* é formado de elementos dinâmicos e não reiteráveis, presos ao contexto histórico da enunciação. Enquanto o tema é *uma reação da consciência em devir ao ser em devir*; a significação é *um aparato técnico para a realização do tema*. (Bakhtin, 1929, p. 129).

Relacionada aos elementos da língua, a significação ocorre como um constructo descritivo para a realização do tema. Este, em oposição, unido ao contexto das palavras, está diretamente vinculado à *compreensão responsiva* e ao movimento em direção ao contexto de enunciação do outro. Não é possível compreender o sentido das palavras, procurando atingir o seu valor estável e idêntico a si mesmo. Ele somente *se realiza no processo de compreensão ativa e responsiva* (Idem, *ibid.*, p. 132).

Entretanto, não se pode conceber uma relação estanque entre os dois elementos. Bakhtin deixa claro: *não há significação sem tema*, nem é possível uma palavra significar sem tematização.

Muitas são as maneiras de aproximar o pensamento de dois grandes teóricos da linguagem como Bakhtin e Benveniste. Escolhi, talvez, o viés mais polêmico – o das possíveis semelhanças entre suas idéias. É que me parece impossível, tendo os dois trilhado caminhos epistemológicos análogos, a saber, a fenomenologia hegeliana e Kant, estarem tão distantes no que concerne aos princípios da teoria da enunciação.

Referências

- BAKHTIN, M. (1963). *Problemas da poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- . (Volochínov) (1929). *Marxismo e filosofia da linguagem*. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1986.
- . (1979). *Estética da criação verbal*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BENVENISTE, E. (1966). *Problemas de lingüística geral I*. Campinas: Pontes: Editora da Unicamp, 1988.
- . (1974). *Problemas de lingüística geral II*. Campinas: Pontes, 1989.

⁵ O texto referido é *Semiologia da língua*.

Publicações Periódicas da PUCRS

- **MUNDO JOVEM**
Jornal de idéias e reflexões para jovens, vinculado à Faculdade de Teologia - *Mensal*
- **PUCRS INFORMAÇÃO**
Revista informativa - *Bimestral*
- **VERITAS**
Revista de estudos de Filosofia - *Trimestral*
- **LETRAS DE HOJE**
Revista de estudos de Linguística, Literatura e Língua Portuguesa
Trimestral
- **TEOCOMUNICAÇÃO**
Revista de estudos de Teologia e áreas afins - *Trimestral*
- **REVISTA SCIENTIA MEDICA**
Revista da Faculdade de Medicina e Instituto de Geriatria-
Trimestral
- **EDUCAÇÃO**
Revista do Curso de Pós-Graduação em Educação -*Quadrimestral*
- **ANÁLISE**
Revista da Faculdade de Administração, Contabilidade e Economia - *Semestral*
- **BIOCIÊNCIAS**
Revista da Faculdade de Biociências - *Semestral*
- **BRASIL/BRAZIL**
Revista de Literatura Brasileira e Literatura Comparada Editada pela PUCRS e Brown University - *Semestral*
- **COMUNICAÇÕES DO MUSEU DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA**
Anual
- **ESTUDOS IBERO-AMERICANOS**
Revista de estudos sobre a História e a Literatura Ibero-Americana do Curso de Pós-Graduação em História - *Semestral*
- **REVISTA ODONTO CIÊNCIA**
Revista da Faculdade de Odontologia- *Trimestral*
- **PSICO**
Revista da Faculdade de Psicologia - *Semestral*
- **REVISTA FAMECOS – mídia, cultura e tecnologia**
Revista da Faculdade de Comunicação Social – *Quadrimestral*
- **SESSÕES DO IMAGINÁRIO**
Revista de Cinema da Faculdade de Comunicação Social– *Anual*
- **DIREITO & JUSTIÇA**
Revista da Faculdade de Direito - *Semestral*
- **ACTA MÉDICA**
Registro dos formandos da Faculdade de Medicina – *Anual*
- **CIVITAS**
Revista de Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas - *Semestral*

